

Arte armada

A Democracia está solta. Como Deus. E quem tiver sacos suficientes que se prepare para ser assaltado sem prévio aviso por uma **performance**, por uma intervenção, pelos cambaus. O populismo é a bandeira da dita Nova República (que segundo Joel Silveira já vai fazer bodas de prata) e a cultura grassa nas mãos de artistas e arteiros. As províncias se instalam ao gosto da corte e o francês volta a ser a língua oficial. A selva amazônica deve ser detetizada asépticamente por Correges, Chanel, Saint-Laurent, Cardin e Madame Rochas pra gosto dos culturalistas. E nós, aqui, na penúria, lamentando a falta de um xinxim de biscoito sardinha.

Os artistas plásticos de Brasília foram literalmente à luta na semana passada. Todas pessoas boas, todos bons artistas, todos geniais, se revelaram verdadeiros baluartes da nossa "cultura". Integrando conhecimentos de capoeira, judô, karatê e boxe, entraram no pau frente às câmaras de televisão e jornais. Deprimidamente fizeram o que o sistema quer: mostrar a irresponsabilidade do artista e sua boa vontade com eles. "Coltados, tão peraltas, mas geniais... dá um chequinho pra eles. São muito divertidos. Nos divertem, nós pagamos". E dê-lhe porrada. Quando a atitude fascista toma conta da manifestação, quando um artista se julga no direito de literalmente atear fogo às vestes alheias, há que se analisar melhor o fato. Não basta lamentarmos os amigos geniais. É preciso um pouco mais de rigor.

Brasília é pródiga em espaço e o projeto **Arte Na Rua** demonstrou que uma interferência não se faz apenas no papel, nem se gera em gabinetes. Brigar por espaço em Brasília é desconhecer da forma mais burra sua escala arquitetônica e conseqüente isolamento do indivíduo tão decantado por alienígenas incrustados em postos-chave na área de cultura. Um artista não passa do risco à rua com a mesma facilidade com que passa de uma folha de papel para outra. Há mais a considerar. Não se intima qualquer artista plástico para uma **intervenção urbana** (outro nome da moda) sem que ele tenha demonstrado antes alguma disposição, algum desejo, algum vislumbre por esse tipo de expressão. Ou então, que tenha tempo suficiente para se acostumar à idéia. Caso contrário, correrá o risco. — como correu —, de se portar como o provinciano que nunca comeu melado.

A Funarte expediu nota lamentando o **pugilato na rua**. Não devia

lamentar por dois motivos: o primeiro, é que os artistas plásticos acabaram chamando a atenção para as artes cênicas, coisa que nosso teatro não tem conseguido, satisfazendo um propósito por intermédio de outro; e o segundo, que se ela achou que ia tudo correr as mil maravilhas e podia fazer o que sempre faz, registrar seu crédito, que registre agora também seu débito. E mais, reconhecer que se não soube contornar provincianismos estrelísticos e conjugar disposição espacial, foi para não ter conseguido durante o tempo todo em que trabalhou com os "lutadores", entender do que eles eram capazes.

Há quem lamente o fato de a briga ser mais noticiada do que a **interferência dos artistas**. "Afinal, a violência é comum no futebol, em outras demonstrações públicas!" Claro... mas o que chama atenção num espetáculo é o que tem mais motivação, o que tem mais "presença". E não se pode negar que a presença pugilística "apareceu" mais, "roubou a cena" dos objetos expostos. Estes serviram apenas de cenário. E é comodo agora atribuir — também fascistamente — a culpa do insucesso à imprensa e ao público. De qualquer forma, é lamentável, sob todos os aspectos, que alguém, entre pessoas diferenciadas por uma sensibilidade mais apurada, queira impor suas vontades na porrada. Por acaso não é unanimidade nacional a batalha contra a violência?

Não fiquemos na brincadeira, na superfície. Será que não tem nenhuma bandeira aí? nenhuma contradição entre discurso e prática? O que conhecemos nos desta cidade? brigamos por espaço numa área onde o próprio escritório da Funarte é conhecido pelo seu isolamento, por um gramado quilométrico, numa cidade onde é ridículo brigar por ele, tanto física quanto simbolicamente! Acho que os padrões "democráticos" de cultura acabaram nos aprontando uma peça. Estamos reconhecendo o homem na escola da cidade, estamos considerando a loucura que é ter que enfrentar diariamente um horizonte de 360 graus e a superoxigenação que a luz natural da cidade ativa? Ou queremos brincar de arte, sem reconhecer o espaço que nos cerca, impunemente? Sejam quais forem os motivos, nenhum é relevante a ponto de aplaudir a violência.

Nesse caso, a melhor interferência foi a do Cruz nas Emergências. E só chamar que ele ainda está com tudo em cima.